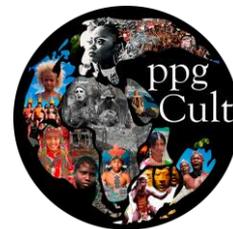




Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



INCLUSÃO, FACILIDADES E DESAFIOS: PERCEPÇÕES DOCENTES

Luis Henrique Domingues Verão das Neves¹
Marina Brasiliano Salerno²

RESUMO: A educação no contexto atual, a partir da reivindicação de direitos e a luta pela justiça social de grupos minoritários, abre caminho para discussão de uma educação inclusiva e equitativa para todos e todas, o que inclui a pessoa com deficiência. Neste ínterim, o presente manuscrito tem por objetivo delinear aspectos relacionados à pessoa com deficiência, ao entendimento de inclusão docente e as facilidades e desafios do processo inclusivo em âmbito escolar. Trate-se de um estudo qualitativo de cunho descritivo, oriundo do estudo piloto parte da dissertação em andamento do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Realizou-se entrevista semiestruturada com duas professoras (Helena e Joana) de Educação Física do município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, por intermédio da plataforma digital *Google Meet*, com posterior transcrição dos dados no programa *Transkriptor*. Os dados oriundos deste estudo nos demonstram uma percepção de inclusão para além da teoria, relacionada ao fazer e estar junto. Ainda, no que tange as facilidades do processo de inclusão do contexto escolar, obtivemos que o apoio pedagógico e relação interpessoal discente são fatores facilitadores. Quanto aos desafios os dados versaram sobre: formação inicial que não contempla a perspectiva inclusiva. No que se refere a percepção de inclusão, as professoras se sentem inclusivas e buscam desenvolver aulas que abrangem todos e todas discentes.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Percepção docente; Pessoas com deficiência.

INTRODUÇÃO

Partindo da compreensão que a sociedade é construída por diferentes grupos e diferentes pessoas, compreendemos que o âmbito social difunde-se na ideia das diferenças e das alteridades. Num contexto maior, é no meio social em que se estabelecem as conexões, no qual as culturas e os grupos sociais se encontram. Dentre estes, o grupo das pessoas com deficiência tem se tornado objeto de estudo em diferentes linhas, em especial na linha educacional, nos seus diversos segmentos (Shimono, 2008; Salerno, 2014; Rosa; Denari, 2013; Guimarães; Borges; Van Petten, 2021).

Diante tais prerrogativas e a partir das novas concepções educacionais, da educação como direito fundamental à todos e todas, e das novas perspectivas sociais, surge no campo da

¹ Professor de Educação Física. Mestrando em Estudos Culturais.

² Professora dos cursos de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAED) e dos cursos de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/FAED) e Estudos Culturais (PPGCult/CPAQ).



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Educação Física (EF), eixo de discussão frente à Educação Física inclusiva (EFi) (Brasil, 1988; Brasil, 1996; Neto *et al.*, 2020). A EFi compõe proposta investigativa de diferentes autores, os quais se comprometem a estudar a inclusão da pessoa com deficiência no âmbito escolar e das práticas corporais (Aguiar; Duarte, 2005; Martins, 2014; Carvalho; Araújo, 2018; Schliemann; Alves; Duarte, 2020).

Dentro de tais estudos, a ação docente também é estudada. Compreendendo o/a docente como agente formador, mediador do processo de ensino-aprendizagem e indivíduo que possui papel fundamental nos pressupostos inclusivos, o entendimento docente sobre inclusão do/da professor/professora de Educação Física e as perspectivas frente as diferenças existentes no âmbito escolar, no intuito de uma Educação Inclusiva, configura-se cerne das discussões inerentes a esta pesquisa.

Entendemos também, que a formação e a prática do professor de Educação Física estão historicamente centralizadas num processo de práxis pedagógica meramente voltado a saberes disciplinares vinculadas as atividades desportivas, submerso em “conhecimentos conteudista-desportivista” (Neto *et al.*, 2020, p. 9). A problemática instaurada, diz respeito a concepção enviesada do conteúdo, sem reflexão e abordagem crítica, sustentada pelo senso-comum. Tal proposta não condiz com a realidade do contexto educacional atual, uma vez que, os sujeitos nele inserido fazem parte de sua “construção e reconstrução dos seus conceitos e determinações frente à sociedade” (Conceição; Krug, 2009, p. 243).

Neste sentido, as concepções atuais da Educação Física, bem como da Educação, vinculam-se nas perspectivas inclusivas e críticas, sendo o/a docente de Educação Física agente inerente para o processo de inclusão, pois, lida com um componente curricular flexível, que pode ser adaptado conforme as especificidades de cada sujeito, proporcionando assim, uma possível participação efetiva de todos e todas (Mazini Filho *et al.*, 2009; Neto *et al.*, 2020). Sendo assim, o olhar docente para inclusão pode refletir em possibilidades diversas para atuação com os/as discentes com deficiência, bem como, influenciar positivamente ou negativamente no processo de inclusão.

Neste íterim, o presente manuscrito tem por objetivo delinear aspectos relacionados à pessoa com deficiência, ao entendimento de inclusão docente e as facilidades e desafios do processo inclusivo em âmbito escolar. Trate-se de um estudo qualitativo de cunho descritivo, oriundo do estudo piloto da dissertação em andamento do Programa de Pós-Graduação em



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Realizou-se entrevista semiestruturada com duas professoras (Helena e Joana) de Educação Física do município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, por intermédio da plataforma digital *Google Meet*. Posteriormente, realizou-se transcrição dos dados no programa *Transkriptor*. Para análise dos dados utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (2010). A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob protocolo de número 52438321.30000.0021. Discutimos a partir de agora, a categoria de análise oriunda do projeto em andamento.

INCLUSÃO: ENTENDIMENTO E PERCEPÇÃO DOCENTE

O entendimento sobre inclusão possui magnitude que transcende a ideia de uma perspectiva única para determinado grupo. No entanto, enfatizamos e pontuamos que para este manuscrito, abarcamos a inclusão para um grupo específico: o das pessoas com deficiência e em contexto escolar. Os ideários configuram-se pertinentes e as professoras quando indagadas quanto ao entendimento sobre inclusão responderam que:

Inclusão é... Parece um pouco óbvio, mas é difícil de falar. Bom, inclusão é você conseguir... É... Como é que eu posso falar? Inclusão é você conseguir atingir todos os alunos com os objetivos da sua aula. Se é necessário arremessar uma bola, é... Eu preciso fazer com que todos eles consigam fazer aquela atividade, por exemplo. Certo. Sem deixar nenhum de lado (Joana).

O entendimento de inclusão estabelecido pela professora Joana está intimamente relacionado ao campo prático das aulas de Educação Física. Como observado, para a professora a inclusão está vinculada à participação discente e ao desenvolvimento comum das aulas seguindo seus objetivos. O que pode, talvez, ter influência negativa se compreendermos que cada aluno tem sua especificidade e modo de realizar algo. No que diz respeito ao entendimento estabelecido pela professora Helena observamos a sua fala:

[...] inclusão assim, de modo que vem aqui na minha cabeça, eu acho que é você tentar colocar, não colocar como se você estivesse colocando em um pote, mas você colocar todos participando da aula com o jeito que cada um consegue participar naquele momento. Seja do lado, ajudando a ver questões de regras, a bola saiu aqui, foi falta ali, ou na questão de você incentivar o seu aluno a participar, sendo de qualquer dessas formas que eu citei, sem ser aquela forma tradicional de, você tem que estar lá correndo, você tem que



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



estar lá, enfim, buscando que aquele aluno sinta vontade de participar, incluindo ele na aula, como, como ele se sentir confortável (Helena).

A docente carrega para sua prática profissional um conceito amplo sobre inclusão. É notório que para a professora o importante é a coparticipação dos/das discentes nas aulas dentro das suas mais diversas possibilidades de atuação e constituição dentro do campo de prática da Educação Física, o que pode possibilitar a construção de vínculo e uma aprendizagem mais efetiva para o/a aluno/a com deficiência.

Neste sentido, podemos dizer que o entendimento de inclusão estabelecido por cada docente, pode influenciar diretamente na atitude do profissional, no desenvolvimento da aula, e nos pressupostos de inclusão, uma vez que, uma das docentes estabelece a especificidade do sujeito o seu modo de agir, interagir e reagir durante as aulas dentro das suas potencialidades e a outra restringe-se ao aspecto do fazer, ou seja, o/a discente tem que estar ali executando a mesma atividade proposta para todos/todas. Os questionamos no aspecto do fazer, vinculam-se às perspectivas dialogadas entre o *fazer exatamente igual ao outro* ou *fazer de acordo com sua potencialidade*, podendo recair nas dinâmicas de *aprendizagem do movimento* e *aprendizagem através do movimento* como sinalizado por Tani (1991).

No que tange, portanto, aos aspectos e entendimentos vinculados à inclusão, podemos compreender, a partir dos discursos, a abertura de uma gama de discussão frente ao proposto. Entendemos também que mesmo com fragilidades as professoras buscam a participação dos/das discentes com deficiência nas aulas. Neste sentido, a inclusão na escola pode ser entendida como a participação com interação, não deixando de lado o aprendizado do/da discente com deficiência.

Entendemos também que o processo inclusivo apresenta facilidades e dificuldades no contexto da prática do dia a dia. Referente a isto, as postulações docentes mantêm-se específicas para cada uma das entrevistadas. Observamos as respostas referentes às facilidades envolvidas no processo de inclusão.

Em primeiro momento, a professora Joana alegou não pensar em facilidades para a efetivação do processo de inclusão na escola. Posteriormente, com ampliação do diálogo a docente alega que o apoio vinculado a diversas áreas, como exemplos: apoio pedagógico, apoio de formação/cooperação entre instituições de ensino superior e a escola, e outros aspectos como



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



pode ser observado na fala seguinte, podem ser considerados como facilitadores do processo de inclusão.

[...] o próprio apoio dentro das condições de legislação, né, para a escola. É, eu acho que estreitar esse vínculo entre a universidade e as escolas, por exemplo, para fazer esse movimento, vamos dizer assim, essa forma de o professor também se atualizar, então estreitar o vínculo da universidade com a escola, não somente ali naqueles momentos de estágio, mas sim ter um apoio pedagógico, ter um núcleo mais especializado e ativo durante o período escolar, porque nós já sabemos de um setor específico, algumas especificidades de cada aluno e tudo mais, só que é somente isso, né, o apoio vai ser feito, claro que o professor tem essa autonomia, mas eu acho que seria necessário ter mais esse direcionamento do setor responsável do apoio pedagógico também, das secretarias também de educação e as outras secretarias especializadas. Acho que é isso (Joana).

Já para a professora Helena quando indagada sobre as facilidades do processo de inclusão, podemos observar que se evidenciam nos campos de participação entre vivência e experiência a partir da interação discente, como descrito a seguir.

[...] para mim, é muito fácil quando os alunos já se conhecem e já estudaram três anos juntos. É muito fácil, porque eles mesmos se resolvem, eles mesmos pegam o colega que tem deficiência, ah, você vai fazer isso aqui, e na hora que eles estão se organizando, eles nem pensam que o colega tem deficiência, eles pensam assim, ah, ele faz de um jeito diferente, acabou, e fim, e eles mesmos se resolvem (Helena).

Os pontos evidenciados neste eixo temático, configuram-se de importância. Ao abarcar os pressupostos legais e apoio pedagógico nas aulas de Educação Física, podemos dizer que a atuação profissional entre professores pode gerar estratégias para uma prática inclusiva. Os estudos da Educação inclusiva dentro da Educação Física, tendem a conversar com os supracitados.

Aguiar e Duarte (2005) em estudo que objetivou investigar os significados da inclusão de alunos com deficiência no sistema regular de ensino, obtiveram como resultado, que para incluir o aluno com deficiência nas aulas, dentre os diversos itens, os professores de Educação Física precisam de apoio governamental e auxílio técnico pedagógico especializado. O que vai de encontro com o citado pela professora Joana. O apoio pedagógico como parte fundamental do processo inclusivo também é identificado no texto de Falkenbach e Lopes (2010).

Em artigo que propôs analisar e refletir sobre o professor de apoio em escolas regulares para alunos com deficiência intelectual, Mendonça e Neto (2019) enfatizaram, a partir dos



resultados do estudo, que a presença do professor de apoio torna-se significativa para aprendizagem de aluno com este tipo de deficiência. Ainda, ponderam que a atuação profissional deve ser de coparticipação com os professores regentes das aulas, o que pode ser um ponto positivo para o processo de inclusão. Schliemann, Alves e Duarte (2020) ao estudarem a Educação Física inclusiva e autismo, também identificaram que o apoio pedagógico faz-se de importância no contexto das aulas.

Existentes as facilidades no processo de inclusão, pensamos que há também de se evidenciar os desafios para efetivação deste processo. Para Joana, a formação inicial incompleta, o que pode ser estendido para formação complementar, a partir do momento que a docente julga necessário inserção de discussão e vivências práticas, como segue:

[...] primeiramente, começando na formação. [...] primeiramente, seria na própria formação do professor, né? É... Inserir mais discussões acerca do tema e fazer com que eles vivenciassem também esse tipo de conteúdo na prática, né? Para que eles consigam ter um suporte, ter uma base para quando forem para o campo de trabalho, e aí conseguir desenvolver as suas propostas, né, específicas sobre cada comunidade escolar (Joana).

Para Helena, os desafios estão vinculados a não entendimento de outras pessoas sobre o tempo de envolvimento do aluno e do professor neste processo, ou seja, a perspectiva do outro (que está fora) frente a sua aula e o questionamento se esta é inclusiva ou não, como pode ser observado na fala da docente:

[...] eu acho que o maior desafio que a gente, que eu vejo, assim, é quem está de fora e vê a sua aula ali, porque eu tenho um aluno que ele ainda não consegue segurar muito na bola, então se a gente está jogando handebol, jogando basquete, ele acompanha a turma, ele sabe para onde ele vai, se é ataque, defesa, ele segue. Mas na hora que ele segura a bola, ele fica meio nervoso, ele não quer segurar a bola, mas ele quer estar ali, correndo tanto no ataque quanto na defesa. Aí eu já escutei algumas falas de pessoas que estavam do lado de fora falando, ah, aquele aluno não está participando, ah, ele só está correndo de um lado para o outro. Mas eu falei assim, gente, se eu já tentei incluir ele segurando a bola e eu vi que foi algo que estressou, irritou ele, vamos ir do jeito que ele consegue até a gente atingir um objetivo, porque o primeiro ano que eu estava trabalhando com ele, eu não tenho muito esse contato, poucas vezes ele pegou na bola e eu vi que ele ficou nervoso, então vamos indo como ele vai se adaptando para aquela realidade. E nunca, nenhum aluno falou, não vou jogar a bola para ele. Às vezes, ele até jogava a bola para o aluno (nome suprimido por questões éticas) e ele segurava, mas ele deixava cair no chão e corria para o ataque sem bola mesmo. Mas, enfim, eu acho que quem não está ali no processo de ver o que o aluno não conseguia, eu acho que isso que é mais difícil, as pessoas que estão de fora



compreender se ele está inserido ou não (Helena).

O aspecto que constitui a autopercepção sobre a ideia de ser inclusiva, perpassa diferentes segmentos. Neste sentido, observamos o que foi dito pelas professoras quando indagadas a respeito das suas percepções sobre suas aulas serem ou não inclusivas.

Se eu partir do ponto de que todos fazem as aulas, eu posso dizer que é, mas realmente atingir aquele objetivo lá no íntimo do aluno, aí eu não sei se dizer muito bem, mas que eles participam, que eles se envolvem, aí eu posso dizer que superficialmente eu acho que atinge (Joana).

A partir do supracitado, a professora Joana acredita que suas aulas são inclusivas, pois os alunos participam e interagem com os seus colegas. Quanto ao atingir o objetivo no "íntimo" do aluno, configura-se ponto complexo, pois identificar os pontos que levam a chegar nesta conclusão, podem demandar tempo, estratégias de aplicação de aula e avaliação discente diferentes, entre outros pontos.

Sim, porque eu nunca deixei um aluno de fora, assim, de fora por ele falar assim, aí, não vou conseguir, até meus alunos que não têm deficiência, eles falam, professora, eu não vou conseguir, eu falo, tá, mas vem aqui, então você vai fazer de outra forma, a gente vai tentar resolver, porque meus alunos que ficaram assim, de fora da aula, foi sempre, estou machucado, estou passando mal, algo assim, porque a inclusão não é só para aquela criança, aluno que tem deficiência, a inclusão é para todos, quem tem dificuldade, quem não se dá bem com o resto da turma, quem briga com o colega, acho que é isso (Helena).

A percepção sobre a inclusão no discurso da professora Helena, sobressai a prática pela prática. Mesmo considerando o aspecto de participação como ponto-chave do processo inclusivo, a professora enfatiza tal aspecto dentro da potencialidade do aluno, ou seja é a partir das vivências e experiências motoras dos seus alunos que acontece os encaminhamentos das aulas, das adequações necessárias para efetivação das aulas inclusivas em Educação Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucinto manuscrito, objetivou delinear aspectos relacionados à pessoa com deficiência, ao entendimento de inclusão docente e as facilidades e desafios do processo inclusivo em âmbito escolar. A partir destas considerações, talvez, pode-se identificar estratégias e possibilidades de inclusão da pessoa com deficiência no âmbito escolar.

No que se refere ao entendimento de inclusão, compreendemos a partir dos dados, que



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



este para as professoras entrevistadas vincula-se ao estar junto e fazer junto. Tal perspectiva pode ser favorável ao processo de inclusão caso a potencialidade discente seja levada em consideração para execução das aulas.

Em relação as facilidades do processo de inclusão, o apoio pedagógico; apoio institucional; a vivência e experiência a partir da interação discente, foram pontos facilitadores apontados pelas docentes deste estudo.

Quanto aos desafios elencados ao processo de inclusão, o que se observa a partir dos dados, é que a formação acadêmica inicial não subsidia a atuação prática para perspectiva inclusiva. Ainda, o posicionamento de outras pessoas frente a Educação inclusiva, é fator limitador para o contínuo do processo de inclusão.

No que diz respeito à percepção sobre aulas inclusivas, ambas professoras se consideram inclusivas. Tal dimensão associa-se aos alunos fazerem as aulas e vincula-se à participação de todos e todas, independentemente de sua condição, o que pode estabelecer diálogo teórico-prático com o processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João S.; DUARTE, Édison. Educação Inclusiva: um estudo na área da Educação Física. **Rev. Ed. Esp**, Marília, v. 11, n. 2, 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CARVALHO, Camila L.; ARAÚJO, Paulo F.. Inclusão escolar de alunos com deficiência: interface com os conteúdos da Educação Física. **Educación Física y Ciencia**, v. 20, n. 1, 2018.

CONCEIÇÃO, Victor J. S.; KRUG, Hugo N.. Formação inicial de professores de Educação Física frente à uma realidade de inclusão escolar. **Educação Especial**, Santa Maria, v. 22, n. 34, 2009.

FALKENBACH, Atos P.; LOPES, Elaine R.. Professores de educação física diante da inclusão de alunos com deficiência visual. **Pensar a prática**, v. 13, n. 3, 2010.

GUIMARÃES, Maria C. A.; BORGES, Adriana A. P.; VAN PETTEN, Adriana M. V. N.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Trajetórias de alunos com deficiência e as Políticas de Educação Inclusiva: da Educação Básica ao Ensino Superior. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.27, e0059, p.935-952, 2021.

MARTINS, Celina L. R.. Educação Física Inclusiva: atitudes dos docentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2014.

MAZINI FILHO, Mauro L.. *et al.* A importância das aulas inclusivas de Educação Física para os portadores de deficiência. **Lecturas, Educación Física y Deportes: revista digital**, Buenos Aires, 2009.

MENDONÇA, Ana A. S.; NETO, Wenceslau G.. Educação Inclusiva: a atuação do professor de apoio. **Póiesis Pedagógica**, v. 17, n. 1, p. 111-125, 2019.

NETO, Antenor O. S. *et al.* Educação Física, formação de professores e inclusão. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, 2020.

ROSA, Fernanda D.; DENARI, Fátima E.. Trabalho, educação e família: perspectivas para a pessoa com deficiência intelectual. **Revista Educação Especial**, p. 73-90, 2013.

SALERNO, Marina B. **A informação em Educação Física e o trabalho com a pessoa com deficiência: percepção discente**. 2014. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2014.

SCHLIEMANN, André; ALVES, Maria L. T.; DUARTE, Edison. Educação Física inclusiva e autismo. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, 2020.

SHIMONO, Sumiko O. **Educação e trabalho: caminhos da inclusão na perspectiva da pessoa com deficiência**. 2008. 118p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

TANI, G. Perspectivas para a educação física escolar. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v.1, 1991.